

O QUARTO CENTENÁRIO DE SÃO PAULO E A CIDADE DE SANTOS

FRANCISCO MARTINS DOS SANTOS

(Fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Santos)

Por sua posição geográfica e por mais algumas razões de outras naturezas, Santos não pode assistir impassível, como um espectador comum e quase indiferente, aos preparativos das grandes festas comemorativas do quarto Centenário da cidade de Nóbrega, Anchieta e Tibiriçá.

Santos é a passagem velha, do litoral para o planalto, é a porta de entrada e de saída, a sala de visitas (para usar o chavão) da Capital e do Estado, e uma vez que resolveram os paulistas (não apenas os paulistanos), realizar festividades especiais e extraordinárias durante o ano de 1954, glorificadoras da grande efeméride, da data máxima da sua metrópole magnífica, dos fatos e dos homens que a História apresenta como plantadores da semente generosa desta que é hoje, a maior, a mais rica e a mais populosa cidade do Brasil, não pode a terra santista, sem risco de prejudicar ou quebrar a obra de conjunto que deve ser a grande comemoração, ficar de braços cruzados, como se nada tivesse a ver com isso...

A verdade, entretanto, é que, seus Poderes Públicos não cuidaram até hoje, de nada que denunciasse alguma compreensão das responsabilidades locais na complementação daquela festividade, como o arco inicial de civilização que é Santos, sob que devem desfilarem os "romeiros" de 1954, que hão de chegar de todas as partes do mundo e de todo o Brasil — convidados oficiais, turistas, jornalistas, autoridades, cientistas, financistas, literatos, curiosos, forasteiros enfim, gente cosmopolita, em geral, que quer ver alguma coisa... e deve começar a ver por aqui.

É preciso planejar, projetar alguma coisa, e atacar imediatamente o que se deve e o que se possa fazer, ainda que com sacrifício e pedindo ao Estado, porque o destino nos colocou nesta posição geográfica e, na situação permanente de termos de caminhar com os mesmos passos do gigante, se não em quantidade, pelo menos em qualidade.

É preciso agir na ordem material — pela melhora das ruas, dos calçamentos dos ajardinamentos, pela reparação e ultimate de avenidas e logradouros (como a Av. Saldanha da Gama, na Ponta da Praia, ultimando-se o que falta), de parques e jardins; pela melhora, preparação, limpeza, etc., de tudo quanto for possível disso; na ordem cultural — pelo cuidado, melhora, construção, reparação, aproveitamento ou limpeza, dos seus poucos monumentos históricos e artísticos, museus, bibliotecas etc.; na ordem turística — pela criação de uma turma especial de limpeza diária das nossas praias, que tantas vezes parecem monturos e deixam de contar com o conforto e a beleza das areias soltas (areões) que as emolduram, e que são o encanto dos banhistas e visitantes; com a criação de atrativos praieros (que não existem), de confortos balneários, de luxo e populares, e assim por diante.

Nessa ordem de idéias e lembranças, nos ocorre perguntar à nossa Prefeitura e à nossa Câmara, que é feito do Monumento ao Soldado Santista de 3217... Porque não o inauguram? Bem informados pelo próprio tesoureiro da Comissão respectiva, podemos afirmar que tudo está pronto e está pago — o monumento e as obras complementares — faltando apenas a determinação e a preparação do lugar, e finalmente a instalação pelos Poderes Públicos... E quem fala nisso?! Não será um dever da Prefeitura, inaugurar esse monumento em 1954, já que o não fez até agora??

Há tempos, tivemos o prazer e a honra de representar o Instituto Histórico e Geográfico de Santos, por designação de seu Presidente, junto à Comissão do Plano da Cidade e por solicitação desta. Tivemos então, a oportunidade de su-

gerir umas tantas coisas que julgávamos necessárias para salvar e aproveitar o pouco que ainda temos de histórico e artístico, dentro da cidade, assinalando ainda os lugares de alto significado antigo, tradicional, para que fossem resguardados, acentuados e assinalados urbanisticamente para o futuro. O Plano da Cidade foi ultimado e as nossas indicações foram todas adotadas no mesmo Plano, e no entanto, até agora, nada foi feito. Aparentamos assim, alguma coisa do que foi discutido e adotado e que ainda pode ser feito para 1954, apresentando-se àqueles milhares de visitantes da cidade de S. Paulo, que, necessariamente, e em grande parte, serão visitantes de Santos:

1 — Realização de uma grande praça, no local do antigo Quilombo de Jabaquara (saída do Tunnel, no bairro daquele nome), tendo ao centro um obelisco de pedra, comemorativo da Abolição, com outros pequenos obeliscos sextavados ou oitavados, contendo os nomes dos abolicionistas maiores, que a História conseguiu conservar. Tal praça teria o nome de "Praça da Liberdade", e sua existência não dependeria da ultimate do "Tunnel", que nos parece obra de Santa Engracia... em consequência do custo!

2 — Desapropriação da "Casa do Trem" (a quem pertence?) e construção de uma área ajardinada em torno, com a possível transformação da casa histórica num pequeno Museu da cidade;

3 — Desapropriação dos restos do "Outeiro de Sant. Catarina" e da área em torno, para criação da "Praça da Fundação", com alguns elementos ornamentais e comemorativos, já estudados talvez;

4 — Criação do "Panteão dos Andradas" em novo e melhor lugar, com mais destaque e imponência, com apresentação mais digna, mais à vista dos turistas e visitantes da cidade;

5 — Aposição de placas comemorativas, ou ereção de pequenos monumentos comemorativos, em vários lugares históricos, como na Alfândega, relatando o que representou no passado remoto aquele edifício; na antiga Guarda-Moria (lado esquerdo da Alfândega), recordando o primeiro forte santista, construído por Braz Cubas, e que ali existiu; na Ponta da Praia, onde existiu o antigo Forte Augusto e pouco adiante, onde foi o famoso "Porto de São Vicente", o porto altamente histórico, que marca o início da Capitania de São Vicente e do atual Estado de São Paulo;

6 — Reconstrução artística das antigas fontes da cidade, hoje consideradas históricas, como as de Itororó, São Bento ou do Desterro, a das Duas Pedras etc.;

7 — Reconstrução fiel ou amparo e aproveitamento das ruínas do Engenho do Governador ou de São Jorge dos Erasmos, que são as mais antigas que possuímos;

e assim mais alguma coisa possível, no pouco tempo que nos resta até aquelas grandes festividades projetadas; e isso é tanto mais justificável, quanto é verdade que não tivemos nós, os santistas, uma festa palidamente semelhante no transcurso do nosso Quarto Centenário, que ficou, por força das dúvidas, integrado no simbólico 26 de janeiro de 1839.

Uma feira de amostras; uma exposição de produtos da indústria e da lavoura paulistas; um salão de Belas Artes; um Concurso literário de grande base; concertos públicos; montagem provisória ou permanente de um jardim zoológico; inauguração da Biblioteca Municipal definitiva e separada do Paço, com Museu anexo; tudo isso é possível realizar-se, se houver vontade; se se articularem todas as forças da cidade; Comissão de Turismo; Co-

missão do Plano da Cidade; Prefeitura; Comissões diversas da Câmara; Rotary Clube; Touring Clube; Instituto Histórico e Geográfico; Associação Comercial; Jornais; Empresas de Turismo; Hotéis; e mais algumas.

Daí, dessa conjugação de forças e de idéias, poderia resultar muito mais do que se pensa, e que tanto se justifica, diante dessa festal colossal, que não será apenas da Cidade de S. Paulo, porque será de todas as cidades paulistas, e principalmente de Santos, pelas razões que já demos.

Até mesmo a Carta Turística de Santos poderia, como deveria, ser feita: uma Carta completa, fina, técnica, em edições de luxo e popular, para distribuição e para venda a baixo preço.

São Vicente já teve a sua (da Cidade), apresentada durante a realização do II Congresso Nacional dos Municípios Brasileiros, feita por nós e com a prata da casa (porque foi aqui mesmo impressa), custeada e possibilitada pelos Poderes Públicos; e no entanto, Santos — dez vezes mais importante, economicamente e a vários prismas — ainda não teve a sua equivalente; mas pode tê-la ainda, entre as comemorações locais à grande efeméride paulistana, muito de acordo com os seus interesses turístico-econômicos.

Se nada disso for feito, entretanto, por uma ou por mais razões; por falta de dinheiro... ou de vontade...; que se faça o mínimo; que se limpe a cidade; que se eliminem as valas e os capinzais; que se limpem e nutrem os terrenos vazios; que se pintem as casas; que se completem alguns calçamentos; que se regularize o fornecimento da água, e que se inaugure afinal (e já se inaugura tarde...) o Monumento esquecido, ao "Voluntário", ao "Herói", "Ao Soldado Santista de 1932", que está pronto e está pago, sem depender de mais nada e de ninguém.

Aqui fica o lembrete, ainda que em hora politicamente imprópria...

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.